

**CARTOGRAFIA POÉTICA DOS ESCRITORES MODERNISTAS EM BELO
HORIZONTE – MG
QUANDO ARTE, LITERATURA E VIDA SE ENCONTRAM**

**CARTOGRAFÍA POÉTICA DE LOS ESCRITORES MODERNISTAS EN BELO
HORIZONTE - MG
CUANDO EL ARTE, LA LITERATURA Y LA VIDA SE UNEN**

**CARTOGRAPHIE POETIQUE DES ECRIVAINS MODERNISTES A BELO
HORIZONTE – MG
QUAND L'ART, LA LITTERATURE ET LA VIE SE RENCONTRENT**

*Adriana Lacerda de Brito*¹

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil

*Rosália Caldas Sanábio de Oliveira*²

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil

*Viviane Moreira Maciel*³

Instituto Coração de Jesus, Belo Horizonte, Brasil

Resumo: Propomos um roteiro turístico literário pela Belo Horizonte- MG do início do século XX, por meio das vivências dos escritores modernistas da cidade. Hoje, estes encontram-se retratados por meio de estátuas localizadas no centro da metrópole, demarcando um território poético, vivido e expresso em suas lembranças e obras literárias. Esse percurso aqui sugerido foi traçado pelos passos desses escritores, na figura de Carlos Drummond de Andrade, Roberto Drummond, Henriqueta Lisboa, entre outros. Sinta-se convidado a segui-los.

Palavras-chave: Roteiro turístico-literário; modernistas; cartografia poética.

Resumen: Proponemos un itinerario turístico literario en Belo Horizonte - MG desde principios del siglo XX, a través de las experiencias de los escritores modernistas de la ciudad. Hoy, son retratados a través de estatuas ubicadas en el centro de la metrópoli, delimitando un territorio poético, vividas y expresadas en sus recuerdos y obras literarias. Esta ruta sugerida aquí fue trazada por los pasos de estos escritores, en la figura de Carlos Drummond de Andrade, Roberto Drummond, Henriqueta Lisboa, entre otros. Siéntete invitado a seguirlos.

Palabras clave: Guión turístico-literario; modernistas; cartografía poética.

¹ Doutoranda no curso de Geografia, IGC-UFMG, E-mail: alacerdab@hotmail.com

² Professora de Geografia no CEFET-MG, E-mail: rosasanabio@gmail.com

³ Professora de Geografia no Instituto Coração de Jesus- ICJ, E-mail: vmmoreiraviviane@gmail.com

Resume: Nous proposons un itinéraire touristique littéraire à Belo Horizonte - MG dès le début du XXe siècle, à travers les expériences des écrivains modernistes de la ville. Aujourd'hui, ils sont représentés à travers des statues situées au centre de la métropole, délimitant un territoire poétique, vécues et exprimées dans leurs mémoires et leurs œuvres littéraires. Cette route proposée ici a été tracée par les pas de ces écrivains, parmi lesquels figuraient Carlos Drummond de Andrade, Roberto Drummond, Henriqueta Lisboa. N'hésitez pas à les suivre.

Mots-clés: Scénario touristique-littéraire; modernistes; cartographie poétique.

1. INTRODUÇÃO

De muitos homens vi as cidades, e conheci os pensamentos
Homero

A ampla atividade literária de Minas Gerais é conhecida em todo território nacional, sobretudo após a criação da nova capital, Belo Horizonte. A literatura mineira pode ser considerada uma cultura brasileira bem configurada e original, que, em certa medida, aproxima-se do modernismo originário da pauliceia, mas que também o contrapõe.

Autores como Antônio Sérgio Bueno (1982), Fernando Correia Dias (1971), Luciana Teixeira de Andrade (2004) e Maria Arminda do Nascimento Arruda (1990) dedicaram-se a caracterizar esse movimento que é fruto da coletividade de escritores renomados e de seu diálogo com o modernismo advindo de São Paulo, sobretudo a aproximação entre Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade, revelada em correspondências no livro organizado por Lélia Coelho Frota de 2002.

Entre os autores dedicados ao modernismo em Minas há um acordo no que tange a relação entre o modernismo mineiro e a identidade mineira, e mesmo a identidade brasileira, entorno das propostas política que daqueles tempos emergiam: Transformar, ou apenas comentar, a realidade nacional através de críticas literárias, crônicas, mais tarde através do suplemento literário do estado de MG e mesmo em livros de literatura que confidenciavam ao leitor questões locais e nacionais, como foi no *Diário de Minas* e em *A Revista*. Para Andrade (2004) o modernismo na cidade de Belo Horizonte tinha como instituição *O Diário de Minas*, a livraria Francisco Alves e o Café Estrela, ambos na rua da Bahia, lugar de encontro do grupo de modernistas em que faziam parte Pedro Nava e Carlos Drummond de Andrade.

A relação de Pedro Nava e Carlos Drummond de Andrade com a cidade de Belo Horizonte, o Café Estrela e a rua da Bahia pode ser notado em diferentes textos dos autores. Do primeiro, é possível destacar a obra *Beira Mar* (NAVA, 2003 [1978]) de cunho memorialista, onde Nava narra o cotidiano da cidade e do grupo de escritores no início do século apontando as diferenças de classe

que se impunham ao descer (proletariado) ou subir (elite) a rua da Bahia. Drummond tornou famosa a prosa *Horizonte*.

Sob esse prisma, o presente trabalho pretende apresentar um roteiro turístico literário engajado nas gerações do modernismo mineiro cujas personalidades foram representadas nas estátuas dos autores em diferentes locais da cidade de Belo Horizonte. O escultor Léo Sant'Anna, a pedido da prefeitura da cidade mencionada, esculpiu as estátuas de representantes expressivos, como Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, Murilo Rubião, Otto Lara Rezende, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Hélio Pelegrino, Roberto Drummond e Henriqueta Lisboa.

Para Andrade (2004) O Café Estrela e a livraria Francisco Alves se tornaram instituições do modernismo mineiro em Belo Horizonte, uma vez que a política era controlada pelo Palácio da Liberdade, mas a literatura não. Carlos Drummond de Andrade e Pedro Nava passaram a integrar o grupo de escritores que também ficou conhecido como *Grupo do Estrela* em referência ao Café e a rua da Bahia. Pedro Nava dedica todo um capítulo de seu livro *Beira Mar* (2003) à rua da Bahia e ao Bar do Ponto, que se localizava naquela proximidade.

Roberto Drummond, em seu livro *Hilda Furacão* (1991), refere-se à vida na cidade em diferentes momentos da narrativa, como quando diz que:

a ideia de criar a Cidade das Camélias em Belo Horizonte; os jornais abriam generosos espaços para um assunto que foi apaixonando, dividindo, roubando nosso sono: a ideia era tirar a Zona Boêmia do coração de Belo Horizonte, ali, onde a Rua Guaicurus era o centro das atenções, e levar prostitutas, hotéis, pensões, bares e até mesmo o mitológico Montanhês Dancing e o não menos mitológico Maravilhoso Hotel (o templo erótico onde Hilda Furacão enfeitiçava os homens) para a Cidade das Camélias, que seria construída longe, na periferia. (DRUMMOND, 1991, p.106)

Henriqueta Lisboa em *Belo Horizonte bem querer* (1972) também afirma que

A expressão de uma cidade é múltipla. A beleza de uma cidade é instável. Sua grandeza é limitada à fronteira mesma das cousas. Uma cidade se assemelha às outras porém se a amamos é única: tem a forma de um coração traz nosso aroma predileto. (LISBOA, 1972, p.74)

Contudo, foi Murilo Rubião quem mais dedicou a descrever o progresso da cidade que se modernizava em seus escritos, como fez à época da chegada de prédios Arranha céus em Belo Horizonte ao escrever *O Edifício*.

O grupo do *Encontro Marcado*, sob direção de Murilo Rubião, marcou época na cidade com a fundação e a elaboração do Suplemento Literário de Minas Gerais, que ainda hoje é editado

e produzido com a intenção de divulgar e de distribuir o trabalho literário realizado em Minas Gerais.

Dessa forma, a realização do roteiro turístico possibilita criar uma proximidade entre as pessoas e as estátuas, entre a cidade e os escritores, entre o passado e o presente; de maneira a eternizar um sentimento de identidade apesar de as sucessões dos tempos as quais ressoam diferenças no cotidiano da cidade, ou seja, na vivência dos cidadãos em sua relação com este ambiente.

No roteiro aqui proposto, interligam-se manifestações artísticas diversificadas construídas pelos escritores ao longo de suas vidas. As estátuas que foram trabalhadas para – uma vez prontas e instaladas – homenagearem esses mesmos autores, tendo em vista os lugares e a localização delas, em pontos do espaço que conectam histórias. Tudo isso está unido por um mesmo fio condutor – a cidade de Belo Horizonte (Minas Gerais), intensamente transformada desde a sua inauguração, como uma musa inspiradora, a qual gerou sentimentos amorosos e também controversos, próprios de uma metrópole que cresceu drasticamente nas últimas décadas.

Convidamos, então, a todos a experimentarem esse “sentir-se enraizado” (TUAN, 1983), nesse lugar, Belo Horizonte - MG, no espaço desse caminho turístico-literário, em busca de se reconhecer o âmago dessa cidade e torná-la visível, por meio das vivências e dos relatos concretizados por escritores modernistas que nela viveram.

2. DESENVOLVIMENTO

Este artigo propõe a idealização de uma viagem, a redefinição do termo e a sua relação com o turismo em consideração às concepções culturais da cidade de Belo Horizonte, retratadas nas estátuas, as quais demarcam um território poético, vivido e manifestado em lembranças e obras literárias de escritores mineiros. A ideia de viagem implica uma metáfora do itinerário e correlaciona com a literatura enquanto possível potencializadora da cultura.

A dimensão cultural do turismo incorpora e reconhece a relevância e o fortalecimento das identidades e manifestações da cultura de Belo Horizonte, mediante as expressões culturais (costumes, tradições, hábitos, arte, arquitetura) que reforçam os atrativos turísticos.

O turismo salienta a história e a cultura, e as discussões acerca desse tema preservam a herança patrimonial, histórica, identitária e cultural de um povo. De acordo com Santos (2001, p.112)

(...) o turismo cultural assenta-se justamente na busca do conhecimento de tudo aquilo que convencionamos chamar de patrimônio histórico, artístico e cultural. O patrimônio deixado por antigas civilizações continua a despertar o interesse de turistas que se deslocam para todas as partes do mundo, com o objetivo de conhecê-lo, mesmo que esteja em ruínas.

Nesse sentido, o roteiro literário apresenta o vínculo da memória com a identidade, a relação espaço-temporal, a conexão com a vida dos poetas e suas histórias. Ademais, ele liga-se às construções tangíveis das estátuas na categoria lugar de memória e bens simbólicos, presentes em vários locais da Belo Horizonte, com uma lembrança viva de Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, Murilo Rubião, Otto Lara Rezende, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Hélio Pelegrino, Roberto Drummond e Henriqueta Lisboa.

Na visão de Gastal (2002, p.77),

As diferentes memórias estão presentes no tecido urbano, transformando espaços em lugares únicos e com forte apelo afetivo para quem neles vive ou para quem os visitam. Lugares que não apenas têm memória, mas que, para grupos significativos da sociedade, transformam-se em verdadeiros lugares de memória.

Os lugares de memória reinventam identidades e reiteram o sentido de territorialidade e de pertença à cultura local. Impregnados de lembranças, recordações, acontecimentos históricos ou ilusórios, transitam no imaginário coletivo, reelaborando e fortalecendo as identidades em meio às interferências regionais e globais.

Walter Benjamin (1892), ensaísta alemão, foi um grande viajante e, em seus escritos, há inúmeros relatos de visitas a cidades (Ibiza, Moscou, Nápoles, Paris...), contudo, seus relatos não são os de um mero turista ocasional, pois ele deixa uma herança teórica que é a necessidade de adquirirmos uma instrução pela estética do ambiente cujo percurso é realizado. Nessa herança, o indivíduo assimila a cidade com toda a sua subjetividade, em diferentes naturezas. Além disso, a partir do momento em que a cidade o convida a ter experiências sensíveis em seu território, ele nominou tal experiência como *Erfahrung*. Por meio dela, há um questionamento óbvio sobre o conceito de cultura na sociedade moderna e na maneira equivocada como vemos o mundo.

Essa ruptura ocorreu quando perdemos o contato com a erudição e a tradição do passado, quando deixamos de dar importância à história de uma cidade e, por conseguinte, à nossa própria história. Num mundo artificializado, estamos aprisionados numa “bolha globalizante” que vende novidades incessantemente, um universo midiático alimentado a cada instante. Assim, perdemos a ligação com aqueles que nos precederam e tudo o que eles deixaram como aprendizado. Somos privados de nossa identidade e de nossa memória coletiva, não valorizamos o cuidado com o

patrimônio material e imaterial da coletividade na qual estamos agregados, ou seja, somos uma cultura “de vidro”, com a massificação da arte, sem, portanto, uma “aura” (BENJAMIN, 1989).

Walter Benjamin (1989) esclarece também a conexão entre obra de arte e tradição:

La unicidad de la obra de arte se identifica con su ensamblamiento en el contexto de la tradición. Es a tradición es desde luego algo muy vivo, algo extraordinariamente cambiante. Una estatua antigua de Venus, por ejemplo, estaba em un contexto tradicional entre los griegos, que hacían de ella objeto de culto, y em otro entre los clérigos medievales que lamiraban como un ídolo maléfico. Pero a unos y a otros se les enfrentaba de igual modo su unicidad, o dicho con otro término: su aura (BENJAMIN, 1989, p. 25).

Ainda sobre as concepções de Benjamin, reportamo-nos às palavras de Freire (1997), de modo a esclarecer que:

Para Walter Benjamin o seu corpo se mistura à cidade e os mapas têm um conteúdo afetivo. Os monumentos e obras dispersas na cidade podem conter sentimentos íntimos, lembranças individuais. Nessa perspectiva o mapa da cidade se mistura à vida de seus habitantes. Os *tableaux* urbanos são a forma literária que Benjamin desenvolveu para apresentar a imagem dos lugares que se fundem na memória e em sua biografia. Sua obra aponta para essa arqueologia da sensibilidade tanto no âmbito pessoal, quanto no coletivo. Revela seus sonhos ao interpretar os sonhos coletivos (FREIRE, 1997, p.74).

Sendo assim, as percepções individuais somam-se às públicas, criando-se uma representação simbólica da cidade, uma justaposição de formas, sentimentos e anamneses. Elabora-se um mapa afetivo que extrapola a simetria cartesiana. Temos, então, o delineamento de uma cartografia geopoética⁴. As estátuas dos escritores modernistas (figuras 1, 2, 3, 4 e 5) apresentadas neste roteiro turístico-literário são referenciais poéticos de uma latitude e uma longitude sentimentais. Elas ultrapassam suas dimensões físicas, fazem correlações entre as lembranças/obras dos poetas/escritores, oferecendo a possibilidade de concebermos nossas visões particulares da cidade, onde as histórias pessoais e comunitárias fundem-se culturalmente.

Essa tessitura entre presente e passado, percepção, memória e imagens é explicada por Bergson (1999):

⁴ A geopoética atravessa diferentes territórios. A começar por aqueles que constituem as disciplinas: enquanto campo de pesquisa e criação transdisciplinar, a geopoética visa descompartmentalizar as disciplinas que são a geografia, a literatura, a filosofia, as artes, as ciências da terra etc. Em seguida, a configuração do Arquipélago geopoético implica uma travessia dos territórios que são as pequenas ilhas situadas em diferentes lugares do planeta. Enfim, importa, em geopoética, atravessar diferentes territórios geográficos e culturais. BOUVET, R. **Como Habitar o Mundo de Maneira Geopoética?** UFF, em 10 de novembro 2012, “Mesa-redonda sobre Geopoética pelo Programa de Pós Graduação em Estudos de Literatura”.

Se a percepção exterior, com efeito, provoca de nossa parte movimentos que a desenham em linhas gerais, nossa memória dirige à percepção recebida as antigas imagens que se assemelham a ela e cujo esboço já foi traçado por nossos movimentos. Ela cria assim, pela segunda vez a percepção presente, ou melhor, duplica essa percepção ao lhe devolver, seja sua própria imagem, seja uma imagem-lembrança do mesmo tipo. Se a imagem retida ou rememorada não chega a cobrir todos os detalhes da imagem percebida, um apelo é lançado às regiões mais profundas e afastadas da memória, até que outros detalhes conhecidos venham a se projetar sobre aqueles que se ignoram. E a operação pode prosseguir indefinidamente, a memória fortalecendo e enriquecendo a percepção, a qual, por sua vez, atrai para si um número crescente de lembranças complementares (BERGSON, 1999, p. 114-115).

Mediante a experiência sensível que podemos ter diante da arte e do que essa observação/contemplação produz em cada um de nós, seguramente teremos saudades daquilo que não foi vivido concretamente por nós, mas foi experienciado diante da criação literária/plástica elaborada pelo outro. E, ao sermos tocados por elas, tornamo-nos parte de uma narrativa maior, social e histórica. Ao se permitir vislumbrar, talvez, os elos que nos conectam ao passado e nos dão suporte para irmos adiante, somos preenchidos por esse sentimento de pertencimento, sentimos que encontramos o nosso lugar.

Figura 1 – Escritores do grupo *Encontro Marcado*



Fonte: Foto das autoras 2018

Em Moreira encontra-se a distinção clara do conceito de lugar proposto por Tuan (2007):

Para Yi-Fu Tuan (1983), lugar é o sentido do pertencimento, a identidade biográfica do homem com os elementos do seu espaço vivido. No lugar, cada

objeto ou coisa tem uma história que se confunde com a história dos seus habitantes, assim compreendidos justamente por não terem com a ambiência uma relação de estrangeiros. E, reversamente, cada momento da história de vida do homem está contada e datada na trajetória ocorrida de cada coisa e objeto, homens e objetos se identificando reciprocamente. A globalização não extingue, antes impõe, que se refaça o sentido do pertencimento em face da nova forma que cria de espaço vivido. Cada vez mais os objetos e coisas da ambiência deixam de ter com o homem a relação antiga do pertencimento (...) (MOREIRA, 2007, p. 61).

Continua Moreira (2007), ao complementar o raciocínio sobre “o ser do espaço: a geograficidade”:

O espaço surge da relação de ambientalidade. (...) E que o homem materializa como ambiência, dado seu forte sentido de pertencimento. Este ato de pertença identifica-se no enraizamento cultural, que surge da identidade com o meio, através do enraizamento territorial que tudo isto implica. (...) A ambientalização é antes de tudo uma práxis. Nenhum homem se enraíza cultural e territorialmente no mundo pela pura contemplação. A experimentação da diversidade é que faz o homem sentir-se no mundo e sentir o mundo com o mundo-do-homem. O enraizamento é um processo que se confunde com o espaço percebido, vivido, simbólico e concebido (...) (MOREIRA, 2007, p. 64).

Figura 2 – Murilo Rubião



Fonte: Foto das autoras 2018

Portanto, o sentimento de identidade a um determinado lugar é trabalhado por Tuan (1983), que o coaduna com a ideia de Topofilia. Tal sentimento é a expressão de uma vinculação afetiva

do sujeito com um lugar cujas características são tão familiares que ressaltam a identidade própria do sujeito. Apesar disso, Tuan vê o lugar como um ambiente capaz de se reinventar continuamente a partir da assimilação gradativa de saberes e emoções, conservando em certa medida as subjetividades dos sujeitos que ali vivenciam o cotidiano. É nesse sentido que a identidade do lugar se difere da identidade do território, uma vez que este último se promove tendo em vista as possibilidades de gerenciamento e de conhecimento administrativo.

Todavia, no cotidiano, somos capazes de distinguir entre a homogeneização vendida como verdade uníssona e aquilo que de fato manifesta a nossa identidade? Para explorarmos esses caminhos e fazermos escolhas, existem diversas linguagens que permitem o aprofundamento do conhecimento e do olhar sobre a humanidade. A arte, em todas as suas expressões, espelha as experiências do/no mundo, exprime a sensibilidade de quem a produz e estimula emoções e questionamentos em quem a assimila.

As obras dos escritores aqui titulados dissertam sobre as mais diversas categorias de saberes, integrando poesias, crônicas, contos, romances, crítica literária. Essas produções exprimem a riqueza dessas diferentes formas de expressão, de forma direta ou indireta, com o cotidiano da cidade de Belo Horizonte - MG, a evolução histórica e artística desta, numa cartografia poética e afetiva, um espaço vivido. Este está georreferenciado nas estátuas dos escritores, o que é mostrado no mapa do roteiro turístico-literário (Figura 6).

A noção de espaço vivido na geografia remete, em linhas gerais, à própria concepção de geografia. Embora com diferenças entre as abordagens teóricas, autores como Henri Lefebvre (1991), Yi Fu Tuan (1983) e mais recentemente Angelo Serpa (2019), dedicaram-se ao tema considerando a experiência do lugar como elemento chave para compreensão da própria geografia. Nesse caso, as descrições do ambiente, além da maneira como se empregam os sentidos e os valores, relacionam-se diretamente à visão de mundo daquele que reconhece, no espaço, a própria identidade e as transformações promovidas ao longo do tempo.

Não há dúvida de que os autores representados pelas estátuas possuem vivências nos locais onde as estátuas foram colocadas. Carlos Drummond de Andrade e Pedro Nava, amigos de longa data, possuíam o hábito de se encontrarem às tardes na rua da Bahia, onde conversavam e tomavam café no antigo estabelecimento Café Estrela. Henriqueta Lisboa foi homenageada na região da Savassi, na rua Pernambuco, onde residiu no edifício número 1332, por muito tempo.

As estátuas dos representantes do grupo do Encontro Mercado foram instaladas no lugar onde habitualmente se encontravam para trocar leituras e informações. Estão localizados, por isso,

na porta de entrada da biblioteca do estado, localizada na Praça da Liberdade, no Bairro Funcionários, na capital mineira. Próximo a eles, há o poeta e escritor Murilo Rubião caminhando também em direção à entrada da biblioteca.

Por último, e não menos importante, está Roberto Drummond, um dos escritores que mais aproveitou a cidade de Belo Horizonte como cenário das obras que escreveu. Roberto Drummond era visto caminhando cotidianamente pela Savassi, comprando e lendo os jornais no banco da praça na rua Antônio de Albuquerque, onde foi colocada a sua estátua.

As memórias de pessoas próximas aos escritores são claras e precisas em relação aos lugares que determinaram a fixação das estátuas. Para desconhecidos e interessados, a curiosidade leva a entender a importância dos espaços que detonam o lugar social da memória. Não é incomum observar que os transeuntes se perguntam: “Quem são as personalidades esculpidas?”, “Por que estão ali afixados?”, ou ainda “Como a cidade de Belo Horizonte motivou a literatura desses autores?”.

Sem dúvidas, o processo de modernização promoveu não apenas uma relação de topofilia nos modernistas, mas, contraditoriamente, também o sentimento de topofobia. Afinal, o crescimento urbano levou muitos deles ao saudosismo daquela urbe da primeira metade do século, marcada pela tranquilidade de uma jovem cidade com poucos comércios, pessoas nas ruas, bondes e grupos de vizinhanças.

Figura 3 – Roberto Drummond



Fonte: Foto das autoras 2018

Figura 4 – Carlos Drummond de Andrade e Pedro Nava



Fonte: Foto das autoras 2018

Alguns desses autores não falam especificamente de um espaço determinado da cidade ou de um lugar que poderia ser uma referência para outros, porém todos aqui viveram e conviveram entre si, assim como construíram parte de suas jornadas literárias nesse cenário urbano particular e foram embebidos pela atmosfera modernista do início do século XX. Assim, fizeram parte de uma história instigante, ao assumirem posições sobre os rumos de Belo Horizonte, de Minas Gerais e do país, além do papel da arte na reflexão do mundo que nos rodeia.

Figura 5 – Henriqueta Lisboa



Fonte: Foto das autoras 2018

Por isso, podemos entrever, tanto em suas obras e em suas vidas na cidade, uma espacialidade material e também imaterial, no sentido de que eles e/ou suas produções transitaram por ambientes sociais bem delineados geograficamente. Nessa perspectiva, houve uma convergência entre todos quando a cultura permeia e enlaça essa ambiência artística, em que seus aprendizados íntimos encontram-se com suas passionalidades, urdindo-se, então, uma geografia pessoal que existe de fato, mas igualmente, intangível.

Essa cartografia sensível nos remete à essência da viagem, num primeiro momento, talvez essa consciência tenha mais sentido do que a viagem em si. Nesse caso, cada um pode escolher ser um leitor-viajante ou um viajante-leitor, ou ambos, ou simplesmente, aquele que se deixa levar pela experiência em relação a uma geografia, física ou não. Entretanto, sabedor ou não dessa possibilidade, a viagem será, em menor ou maior grau, sempre cognoscível para aquele que faz e define o próprio percurso.

É Tuan (1983) quem assinala a importância da literatura para a conscientização do sujeito:

Como seres sociais e cientistas, cada um de nós apresenta imagens truncadas de pessoas e de seu mundo. As experiências são negligenciadas ou ignoradas porque faltam os meios para articulá-las ou destacá-las. A falta não se deve a nenhuma deficiência inerente à linguagem. Os sentimentos e as experiências íntimas são rudimentares e ingovernáveis para a maioria das pessoas, mas os escritores e artistas têm encontrado meios de dar-lhes forma. A literatura, por exemplo. Está repleta de descrições precisas de como vivem as pessoas (TUAN, 1983, p. 223).

Com Michel de Certeau, em *A invenção do Cotidiano* (1998), temos a convicção de que o espaço, por si só, não é um simples aspecto relacionado ao significado do ser e da existência humana, posto que ele é, na verdade, um ambiente que retribui constantemente impulsos, motivações e ordenamentos que lhe direcionam. Ele tem verdadeira significância quando há a junção e a intenção com o outro, como visto a seguir:

O memorável é aquilo que se pode sonhar a respeito do lugar. Já nesse lugar palimpsesto, a subjetividade se articula sobre a ausência que a estrutura como existência e a faz “ser-aí” (Dasein). Mas, como já se viu, este ser-aí só se exerce em práticas do espaço, ou seja, *em maneiras de passar ao outro*. Aí se deve enfim reconhecer a repetição, em metáforas diversas, de uma experiência decisiva e originária, a diferenciação que ocorre quando a criança percebe ser outro corpo que o da mãe. Aí se inaugura a possibilidade do espaço e de uma localização (um “não tudo”). (...) O que importa nesse jogo de iniciação como uma “pressa jubilatória” da criança que, diante do espelho, se reconhece um (é ele, localizável), mas não é senão o outro (isto, uma imagem com a qual se identifica, é o processo dessa “captação espacial” que inscreve a passagem ao outro como a lei do ser e do lugar. Praticar o espaço é portanto repetir a experiência jubilatória e silenciosa da infância. É, no lugar, ser outro e passar ao outro (CERTEAU, 1998, p. 188).

Os olhares dos escritores, ou a visão que se projeta por meio da literatura, perfazem a trajetória da leitura que convoca cidade e mundo a realizarem a experiência do lugar, da imagem do pensamento, e mesmo dos avanços da modernidade ou as permanências das tradições. A cidade vê o mundo e o mundo vê a cidade a partir de uma seleção de signos que motivam a memória, a inteligência e a imaginação. Essa visão atravessada, ou tangenciada, corresponde a diferentes paisagens que se complementam dentro e fora de um contexto vivido; e cuja força do pensar realiza sob a intensidade da transformação do eu e do outro. Afinal, ao considerar o sujeito um criador da paisagem, individual e coletiva, como faz a literatura, estamos considerando um ponto de vista direcionado, ou os diferentes sentidos que se projetam em um mesmo alvo?

Benjamin compreendia a memória não como a posse do rememorado, - um ter, uma coleção de coisas passadas – mas como uma aproximação sempre dialética da relação das coisas passadas a seu *lugar*, ou seja, como aproximação mesma do seu *ter lugar*. (...) Deduzia disso uma concepção da memória como atividade de escavação arqueológica, em que o lugar dos objetos descobertos nos fala tanto quanto os próprios objetos (...) (DIDI HUBERMAN, 2011, p.174).

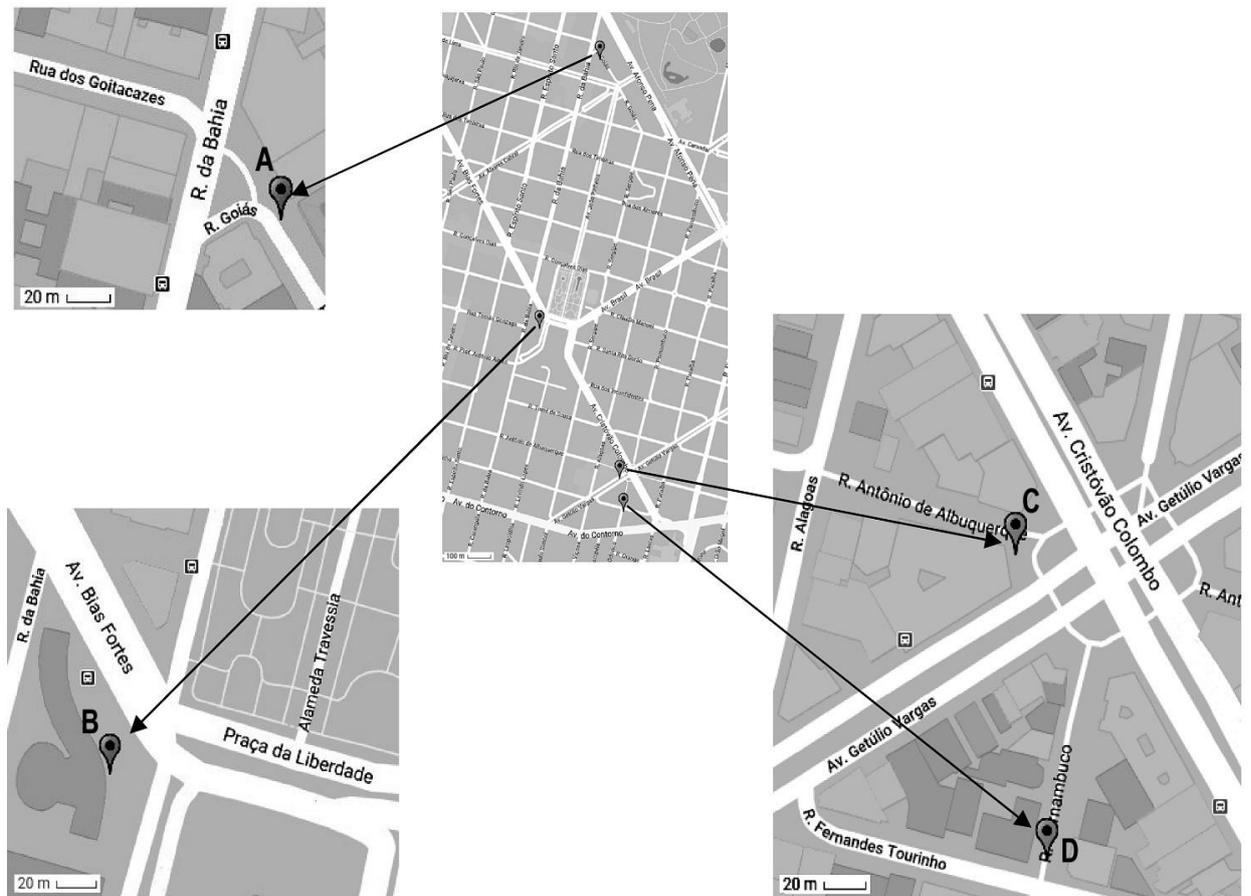
Haveria, então, outros sentidos que pudessem oferecer não uma dualidade, mas uma multiplicidade de sentidos capazes de justificar uma interlocução entre a geografia e a literatura? Conforme Collot (2013), entendemos que existem tantas paisagens quanto são os pensamentos e

os olhares sobre elas. O espaço inspirado pelos escritores apresenta-se mediado pela terra e pelo território, compondo as paisagens em trânsito e um pensamento paisagem que não está objetivamente em busca da verdade, mas à margem de convenções. Sobretudo porque, e como afirma Deleuze, entendemos que o estado negativo do pensamento não é um erro. (2018a, p.135). Afinal, para Deleuze pensar depende de certas coordenadas. (2018b, p.141).

É a viagem do pensamento, ou ainda, a geografia percorrida pelo sujeito pensante, que irá desencadear certa interpretação do lugar, paisagem por ora pensada e, no entanto, inevitavelmente representada à luz do modernismo. Pensamento da paisagem e imagem do pensamento se apresentam, assim, como imagens atravessadas de valor/lugar e sentido/orientação, onde o sujeito compreende a fluidez em que perpassa o pensamento na transformação da cidade ou do mundo diante de objetos e acontecimentos imprevisíveis.

Desses espaços, emerge uma totalidade íntima capaz de renovar, por meio de uma metamorfose, o valor dos símbolos e dos significados. Talvez por isso a cartografia poética, tal qual o pensamento paisagem, seja uma cosmovisão na medida em que a experiência constitui o sujeito ao longo da vida. Não por força da determinação, mas por reação como expressão de sobrevivência no caos social.

Figura 6 - Caminho das Estátuas dos escritores modernistas em BH-MG.



- A – Estátuas de Carlos Drummond de Andrade e Pedro Nava: Praça do Encontro – Rua Goiás com Rua da Bahia, Centro.
B – Estátuas do grupo “Encontro Marcado” e Murilo Rubião – Praça da Liberdade, 21 – Bairro Funcionários, no banco da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa: Fernando Sabino, Hélio Pellegrino, Otto Lara Resende e Paulo Mendes Campos; além da estátua de Murilo Rubião, caminhando em direção ao quarteto.
C – Estátua de Roberto Drummond - Praça Diogo de Vasconcelos, conhecida como Praça da Savassi.
D – Estátua de Henriqueta Lisboa – Rua Pernambuco 1300-1340, Savassi.

Fonte: Pesquisa de campo das autoras 2018

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cartografia poética proposta neste trabalho perpassa diferentes tempos do modernismo mineiro e se apresenta a partir das obras de arte elaboradas na figura dos escritores pela cidade de Belo Horizonte. Tal cartografia se adjectiva por “poética”, não por trazer à luz a discussão sobre a poesia dos autores representados, o que poderia ser feito tendo em vista a vasta produção literária relacionada à capital mineira, mas por compor memórias afetivas e memórias coletivas àqueles

que eternizaram no cotidiano urbano os passos, os trajetos, percorridos pelos representantes do movimento modernista.

Mais do que estátuas de escritores, o cidadão belo horizontino tem agora a possibilidade de conhecer a relação entre o texto e o contexto, a vida e a obra daqueles que contribuíram a partir de certa, e de uma particular, geografia um modo de resignificar, valorizar e identificar espaços urbanos a partir das esculturas e das histórias que elas carregam. Se para os escritores, as estátuas de sua personalidade se fixaram em um espaço de representação pela valoração histórica que tiveram, para a sociedade belo horizontina tais espaços passam a oferecer um valor simbólico mediado pelo interesse e pela curiosidade destes mesmos escritores.

Nesta cartografia, pares de opostos se fundem no sentido de representar um mapa além da base plana que configura um papel, mas sem amputá-lo. O mapa está lá para ser visto. Junto à ele estão as cartografias sensíveis que fundem lugar e paisagem na organização de um espaço literário a maneira de uma cartografia que se pretende social. Onde o olhar do turista, cidadão de Belo Horizonte, leva a pensar sobre permanências, transições e referências de outrora; que exigem serem retomadas e, porque não, revividas na contemporaneidade.

O estímulo à curiosidade que as estátuas provocam no cidadão comum aproximam tanto o leitor da cidade quanto o cidadão da leitura; convoca o espírito de uma época a perpetuar sob a forma de uma ‘áurea’ benjaminiana em toda a arte e literatura em tempo presente. Não por acaso, arte e literatura solicitam espaço na vida de cada sujeito que desperta interesse pelas obras e pelos autores.

O percurso aqui traçado decorre de uma proposta reflexiva cuja conclusão se apresenta tal qual uma viagem poética, objeto íntimo de toda geografia. Decorre, portanto, de um primeiro ensaio daquilo que pretendemos aprofundar em pesquisa sob o campo interdisciplinar da geografia e da literatura. Trata-se de um movimento que não é exclusivo do sujeito, embora seja dele também. Mas de um movimento de sujeitos na sucessão dos tempos, das gerações e das diferentes expressões dos lugares.

4. REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Luciana Teixeira de. *A Belo Horizonte dos modernistas*. Representações ambivalentes da cidade moderna. Belo Horizonte, PUC Minas: C/Arte, 2004.
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Mitologia da Mineiridade*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1990.

BENJAMIN, Walter. *Discursos Interrumpidos I* – filosofia del arte y de La história. Aguiar, Altea, Taurus, Alfaguara, S.A. de Ediciones, Buenos Aires, 1989.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BUENO, Antônio Sérgio. *Belo Horizonte dos Modernistas: década de 20*. Belo Horizonte, UFMG, 1982.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano*. Petrópolis, Editora Vozes Ltda, 1998.

DIAS, Fernando Correia. *O movimento modernista em Minas*. Uma Interpretação sociológica. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1971.

DRUMMOND, Roberto. *Hilda Furacão*. São Paulo, Sisciliano, 1991.

COLLOT, Michel. *Poética e Filosofia da Paisagem*. Rio de Janeiro. Ed. Oficina Raquel, 2013.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. São Paulo. N- 1 Edições, 2018a.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra, 2018b.

DIDI HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. 2ªed. São Paulo, Ed. 34. 2011.

FREIRE, Cristina. *Além dos Mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo*. São Paulo, SESC, Anablume, 1997.

GASTAL, Susana. Lugar de memória: por uma aproximação teórica ao patrimônio local. In: GASTAL, Susana (org). *Turismo: investigação e crítica*. São Paulo. Contexto, 2002.

LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo, Ed. Ática, 1991.

LISBOA, Henriqueta. *Belo Horizonte bem querer*. Belo Horizonte, Editora Eddal, 1972.

NAVA, Pedro. *Beira-mar*. São Paulo, ateliê editorial. Giordano, 2003.

MOREIRA, Ruy. Da região à rede e ao lugar: a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo. *Etc, espaço, tempo e crítica - Revista Eletrônica de Ciências Humanas e Sociais e outras coisas*. (UFF), nº 1(3), v.1 (p. 55-70), 2007.

SANTOS, Roselys Izabel Correa dos. Conhecimento, Conscientização e Preservação de Patrimônio Cultural para a prática do Turismo. *Revista Turismo Visão e Ação*. (Universidade do Vale do Itajaí - SC), Ano 4. n. 8, 2001.

TUAN, Yi Fu. *Espaço e Lugar*. São Paulo. Difel, 1983.

Adriana Lacerda de Brito
Rosália Caldas Sanábio de Oliveira
Viviane Moreira Maciel

Geografia, Literatura e Arte, v.2, n.2, p. 31-48, jul./dez.2020
DOI: 10.11606/issn.2594-9632.geoliterart.2020.172029

Recebido em 05/07/2020.

Aceito em 19/09/2020.

Publicado em 07/11/2020.